

## **Amilcar de Castro**

Cosac & Naify Edições

Texto de Rodrigo Naves

Ensaio de Ronaldo Brito

Fotografias de Pedro Franciosi

Organizado por Alberto Tassinari

Projeto Gráfico de Rodrigo Andrade e Fabio Miguez

Versão para o inglês de Oswaldo Costa

A Cosac & Naify Edições lança a segunda edição do livro sobre a obra de Amilcar de Castro respeitando integralmente o conteúdo da edição anterior e apresentando uma produção gráfica extremamente cuidada que registra com nitidez a qualidade de imagem que a obra de Amilcar impõe. A impregnação da superfície pela ação do tempo - a ferrugem quase corpórea, uma quase-cor que acentua a espessura que a obra revela - surge com rara intensidade nas reproduções fotográficas do livro. Por instantes, abrindo as páginas duplas que retratam o atelier de Amilcar, somos invadidos, de tal maneira, pela presença vigorosa das pequenas e maciças esculturas que nos sentimos os autores do deslocamento da parte móvel que as constitui.

O projeto editorial conduz, assim, de maneira eficaz, a relação entre os textos de Rodrigo Naves - "Uma poética do risco" - e de Ronaldo Brito - "Sobre uma escultura de Amilcar de Castro" - e as fotografias que documentam a trajetória de Amilcar de Castro, cuidadosamente resumida numa "Breve História da Obra" de autoria de Alberto Tassinari, organizador do livro que ainda apresenta poemas do artista e textos de Ferreira Gullar e Hélio Oiticica contextualizando a obra de Castro no movimento neo-concreto.

A difícil tarefa de diagramar um livro sobre a obra do maior escultor brasileiro contemporâneo - autor do inovador projeto gráfico realizado para o Jornal do Brasil na década de 50 - foi bem elaborada por Fabio Miguez e Rodrigo Andrade.

Pela estrutura fluente do projeto, mergulha-se na espacialidade da obra, apreende-se o peso maciço dos blocos de ferro, impregna-se o olhar da espessura das superfícies enferrujadas.

Uma das questões pontuais da obra de Amilcar de Castro é que, trazendo em si a raiz construtiva, ela instala um espaço peculiar

no âmbito do pensamento escultórico contemporâneo. Trata-se do espaço constituído por uma alteridade ativada que difere daquele instaurado na obra de outros artistas neo-concretos onde a proposta de envolvimento do espectador com a obra descortina a espacialização de um universo interior, rico em suas dimensões psíquicas, ativando uma dinâmica profunda do sujeito.

Na arte brasileira, a busca de uma articulação desta interioridade com o mundo foi se constituindo passo a passo, como no "Caminhando" de Lygia Clark. Ela ocorre na escultura de Amilcar "quando, e por fatalidade, o espaço se integra, criando o não previsto", nos diz o artista. Originária do corte e dobra na superfície da chapa, esta passagem que emerge no nascimento da escultura, propõe a dimensão nítida de uma nova e possível sociabilidade.

Esta potência estética é comentada com brilhantismo por Naves: "Seus trabalhos admitem - e, a bem dizer, instauram - um movimento de passagem que leva sempre à concretização de espaços situados para além dos lugares magnetizados pela nossa presença. As esculturas - sobretudo as de corte e dobra - surgem de intervenções que as colocam como mediação."

Assim, apreende-se o espaço do mundo, buscando um lugar próprio dentro dele. Lugar que só a obra instala, radicando esta integração: marca de uma sociabilidade que só se apresentara até então como promessa na arte contemporânea. Isto ocorre porque a escultura de Amilcar - palavra inarticulada - é "silêncio vivo" que nos comove, une e silencia.

Estas reflexões vêm se juntar àquelas trazidas por Ronaldo Brito no ensaio sobre uma pequena escultura - um quadrado de 33cm com 7,5cm de espessura - que potencializa as inúmeras qualidades plásticas de Amilcar de Castro. Uma das maneiras de ampliar a compreensão do pensamento plástico de um artista é mergulhar na análise perceptiva de uma de suas obras. Numa descrição simples, trata-se de um plano tripartido concretizado na espessura da chapa de ferro que, pelos cortes nela realizados, libera um elemento móvel. Nesta peça há um movimento latente que sustenta a coesão da obra. A potência, que se atualizará também em outros movimentos futuros, fala tanto ou mais da força poética do trabalho do que a evidência do elemento móvel então deslocado. A obra contém no seu raciocínio plástico a dinâmica do deslocamento que atesta sua capacidade de imantar o espaço criando um campo que, ativado pela tensão entre as partes abriga suas inúmeras configurações. A idéia de equilíbrio se

apresenta, assim, sob um prisma amplo e inovador: resulta da possibilidade de conciliar o movimento do elemento e a unidade concentrada no todo. Paralelamente, o conceito de tempo se apresenta de maneira singular: mentalmente percebe-se e executa-se os diversos procedimentos de avançar uma parte sem perder contato com o todo. São operações virtuais que ocorrem num tempo não sequencial e atestam a simultaneidade das diversas conformações latentes contidas naquela que foi efetuada gerando o fato plástico observado. Esta conformação detém, no instante mesmo de seu surgimento, todas as demais possibilidades de organização anteriormente ponderadas pelo espectador.

O exercício deste arbítrio, que lhe possibilita intervir na disposição da peça sem desarticulá-la, tornando-o quase co-autor da obra, encontra ressonância na fala de Amilcar: "O homem e as coisas existem de graça. Um não existe sem o outro. Eu sou porque ela é. Ela é porque eu sou. Somos de graça. A superfície está em branco. Eu também. Se com gesto toco, eu sou tocado."

Valores éticos e estéticos constróem a instância poética da obra deste grande escultor, abrindo para todos nós um campo de atuação social mais promissor - forte mas pleno de harmonia.

Iole de Freitas é artista plástica

Arte contemporânea

## **Amilcar de Castro**

Cosac & Naify Edições

Texto de Rodrigo Naves

Ensaio de Ronaldo Brito

Fotografias de Pedro Franciosi

Organizado por Alberto Tassinari

Projeto Gráfico de Rodrigo Andrade e Fabio Miguez

Versão para o inglês de Oswaldo Costa

A Cosac & Naify Edições lança a segunda edição do livro sobre a obra de Amilcar de Castro, respeitando integralmente o conteúdo da edição anterior e apresentando uma produção gráfica extremamente cuidada que registra com nitidez a qualidade de imagem que a obra de Amilcar impõe. A impregnação da superfície pela ação do tempo - a ferrugem quase corpórea, uma quase-cor que acentua a espessura que a obra revela - surge com rara intensidade nas reproduções fotográficas do livro. Por instantes, abrindo as páginas duplas que retratam o atelier de Amilcar, somos invadidos, de tal maneira, pela presença vigorosa das pequenas e maciças esculturas que nos sentimos os autores do deslocamento da parte móvel que as constitui.

O projeto editorial conduz, assim, de maneira eficaz, a relação entre os textos de Rodrigo Naves - "Uma poética do risco" - e de Ronaldo Brito - "Sobre uma escultura de Amilcar de Castro" - e as fotografias que documentam a trajetória de Amilcar de Castro, cuidadosamente resumida numa "Breve História da Obra" de autoria de Alberto Tassinari, organizador do livro que ainda apresenta poemas do artista e textos de Ferreira Gullar e Hélio Oiticica contextualizando a obra de Castro no movimento neo-concreto.

A difícil tarefa de diagramar um livro sobre a obra do maior escultor brasileiro contemporâneo - autor do inovador projeto gráfico realizado para o Jornal do Brasil na década de 50 - foi bem elaborada por Fabio Miguez e Rodrigo Andrade.

Pela estrutura fluente do projeto, mergulha-se na espacialidade da obra, apreende-se o peso maciço dos blocos de ferro, impregna-se o olhar da espessura das superfícies enferrujadas.

Uma das questões pontuais da obra de Amilcar de Castro é que, trazendo em si a raiz construtiva, ela instala um espaço peculiar

no âmbito do pensamento escultórico contemporâneo. Trata-se do espaço constituído por uma alteridade ativada que difere daquele instaurado na obra de outros artistas neo-concretos onde a proposta de envolvimento do espectador com a obra descortina a espacialização de um universo interior, rico em suas dimensões psíquicas, ativando uma dinâmica profunda do sujeito.

Na arte brasileira, a busca de uma articulação desta interioridade com o mundo foi se constituindo passo a passo, como no "Caminhando" de Lygia Clark. Ela ocorre na escultura de Amilcar "quando, e por fatalidade, o espaço se integra, criando o não previsto", nos diz o artista. Originária do corte e dobra na superfície da chapa, esta passagem que emerge no nascimento da escultura, propõe a dimensão nítida de uma nova e possível sociabilidade.

Esta potência estética é comentada com brilhantismo por Naves: "Seus trabalhos admitem - e, a bem dizer, instauram - um movimento de passagem que leva sempre à concretização de espaços situados para além dos lugares magnetizados pela nossa presença. As esculturas - sobretudo as de corte e dobra - surgem de intervenções que as colocam como mediação."

Assim, apreende-se o espaço do mundo, buscando um lugar próprio dentro dele. Lugar que só a obra instala, radicando esta integração: marca de uma sociabilidade que só se apresentara até então como promessa na arte contemporânea. Isto ocorre porque a escultura de Amilcar - palavra inarticulada - é "silêncio vivo" que nos comove, une e silencia.

Estas reflexões vêm se juntar àquelas trazidas por Ronaldo Brito no ensaio sobre uma pequena escultura - um quadrado de 33cm com 7,5cm de espessura - que potencializa as inúmeras qualidades plásticas de Amilcar de Castro. Uma das maneiras de ampliar a compreensão do pensamento plástico de um artista é mergulhar na análise perceptiva de uma de suas obras. Numa descrição simples, trata-se de um plano tripartido concretizado na espessura da chapa de ferro que, pelos cortes nela realizados, libera um elemento móvel. Nesta peça há um movimento latente que sustenta a coesão da obra. A potência, que se atualizará também em outros movimentos futuros, fala tanto ou mais da força poética do trabalho do que a evidência do elemento móvel então deslocado. A obra contém no seu raciocínio plástico a dinâmica do deslocamento que atesta sua capacidade de imantar o espaço criando um campo que, ativado pela tensão entre as partes abriga suas inúmeras configurações. A idéia de equilíbrio se

apresenta, assim, sob um prisma amplo e inovador: resulta da possibilidade de conciliar o movimento do elemento e a unidade concentrada no todo. Paralelamente, o conceito de tempo se apresenta de maneira singular: mentalmente percebe-se e executa-se os diversos procedimentos de <sup>MOVER</sup> avançar uma parte sem perder contato com o todo. São operações virtuais que ocorrem num tempo não sequencial e atestam a simultaneidade das diversas conformações latentes contidas naquela que foi efetuada gerando o fato plástico observado. Esta conformação detém, no instante mesmo de seu surgimento, todas as demais possibilidades de organização anteriormente ponderadas pelo espectador.

O exercício deste arbítrio, <sup>PERMITIDA AO OBSERVADOR</sup> que ~~lhe possibilita~~ intervir na disposição da peça sem desarticulá-la, tornando-o quase co-autor da obra, encontra ressonância na fala de Amílcar: "O homem e as coisas existem de graça. Um não existe sem o outro. Eu sou porque ela é. Ela é porque eu sou. Somos de graça. A superfície está em branco. Eu também. Se com gesto toco, eu sou tocado."

Valores éticos e estéticos constróem a instância poética da obra deste grande escultor, abrindo para todos nós um campo de atuação social mais promissor - forte mas pleno de harmonia.

Iole de Freitas é artista plástica

arte contemporânea